

**AMPLIANDO POSSIBILIDADES AO FAZER ETNOGRÁFICO DE BERNARD LAHIRE:  
INCLUINDO O LUGAR DE ORIGEM NOS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE JOVENS  
DOS MEIOS POPULARES**

**JHONY PEREIRA MORAES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

**LISIANE QUADRADO CLOSS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

# **AMPLIANDO POSSIBILIDADES AO FAZER ETNOGRÁFICO DE BERNARD LAHIRE: INCLUINDO O LUGAR DE ORIGEM NOS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE JOVENS DOS MEIOS POPULARES**

## **Introdução**

O objetivo deste ensaio é o de **ampliar possibilidades ao fazer etnográfico de Bernard Lahire quanto à composição metodológica dos retratos sociológicos, incluindo-se o lugar de origem enquanto uma importante dimensão analítica nesse construto**. Para tanto, busca-se elaborar um aparato metodológico capaz de lançar luz à compreensão da permanência de jovens dos meios populares estudantes de cursos superiores em Administração, considerando-se as diversas dimensões envolvidas em suas trajetórias (família, trabalho, educação, lazer, sociabilidades e lugar de origem). Quanto aos pilares teóricos do presente trabalho, passa-se a abordá-los a seguir.

Foi a partir do final do século XIX e início do século XX que o método etnográfico tornou-se expressivo, especialmente, no campo da Antropologia Social – fonte histórica da etnografia – e na Sociologia. O método objetiva a compreensão de culturas e de seus significados compartilhados por nativos, o que exige a imersão do etnógrafo na cultura do grupo social, no seu cotidiano, sempre considerando os pontos de vistas dos atores do campo investigado. Por isso fala-se de um “ver com os olhos do outro” e “sentir como o outro” (FLORES-PEREIRA; CAVEDON, 2009; JIRÓN; IMILAN, 2016; POUBEL; MARGON; JÚLIO, 2018). Esse ingresso mais íntimo na realidade do grupo analisado tem por pretensão registrar as dinâmicas sociais, culturais, econômicas e políticas, entre outras, ou seja, as diferentes dimensões que balizam o viver de um grupo de indivíduos, suas vivências e experiências em campo; e as relações estabelecidas com as pessoas e no campo. Tais registros etnográficos perfazem a coleta de dados dos etnógrafos ou pesquisadores etnográficos para o trabalho posterior de reflexão, análise, descrição e construção dos relatos de pesquisa acerca da investigação realizada (FLORES-PEREIRA; CAVEDON, 2009; JIRÓN; IMILAN, 2016).

Este ensaio centra-se em discutir o método etnográfico a partir de Bernard Lahire (1997, 2004), o qual construiu um aparato teórico-metodológico próprio, denominado de retratos sociológicos. Lahire apresenta seu fazer etnográfico a partir da realização de entrevistas em profundidade com os participantes do estudo – biográficas e semidiretivas - a respeito dos seus diferentes contextos de vida (e, em consonância com a visão sociológica do autor, dos seus contextos de socialização), tais como a família, o trabalho, a escola, os locais de lazer, as sociabilidades e as redes, corroborando às observações e anotações em diários de campo do pesquisador (LAHIRE, 2002, 2004).

O trabalho etnográfico proposto por Lahire culmina no interesse do sociólogo em analisar o trânsito das disposições individuais - formas de pensar, crer, agir e ser que refletem a pluralidade de um indivíduo - em diferentes espaços de práticas e, portanto, nas distintas socializações dos indivíduos naqueles espaços. O autor busca ainda averiguar a reprodução, a ativação, a aquisição e a criação (ou não) dessas disposições nos processos socializadores (LAHIRE, 2005; BOAES; OLIVEIRA; ASSIS, 2019; JUNQUEIRA, 2019).

Buscando compreender como as disposições se formaram, quais os seus contextos, influências e como moldaram a trajetória de um indivíduo, singularizando o social nele, Lahire propõe a realização de retratos sociológicos. Conforme Lopes (2012), os retratos sociológicos são dispositivos teórico-metodológicos que analisam diferentes instâncias da vida de uma pessoa (família, escola, trabalho, amigos, saúde, desporto, atividades de lazer e culturais etc.), com o objetivo de analisar os desdobramentos disposicionais e sua transferibilidade em práticas diversas. A partir desses, Lahire analisa as variações disposicionais no interior de um grupo (interindividuais) e na própria pessoa (intraindividuais) (BOAES; OLIVEIRA; ASSIS, 2019).

Uma vez que as dificuldades simbólicas, culturais e institucionais são vitais para o

entendimento da permanência no ensino superior, destaca-se o potencial dos retratos sociológicos para iluminá-las. Considerando-se, especialmente, que jovens dos meios populares tendem à baixa longevidade escolar e que os dilemas de permanência no ensino superior incidem com maior força sobre residentes em cidades do interior ou mais afastadas do centro da cidade, assinala-se a relevância da inclusão do lugar de origem (periferia, centro da cidade, urbano, rural) nos retratos, já que o mesmo atravessa as trajetórias escolares e influencia seus deslocamentos (ALMEIDA, 2007; BARBOSA, 2015; MAGALHÃES, 2015; SILVA, 2017; ARIÑO; DALVAN, 2018; FELINTO, 2019; JÚNIOR; LIMA, 2019).

Mas, o que se entende por lugar? Respalda-se na Geografia, o lugar é uma esfera objetiva-subjetiva apropriada por cada indivíduo a uma certa localização (um bairro ou uma rua, por exemplo). É objetiva porque considera a materialidade desse local, como suas estruturas; mas também subjetiva porque carrega o simbólico, os significados, as experiências vividas e as ações de cada pessoa. Portanto, o lugar diz de uma apropriação simbólica e material de uma porção do espaço<sup>2</sup> (CARLOS, 2007; QUEIROZ, 2015).

Assinala-se que a permanência é um obstáculo ainda presente no contexto do ensino superior brasileiro, apesar dos investimentos públicos e privados destinados ao ingresso de estudantes através das políticas públicas de democratização da educação superior (FONTELE; CRISÓSTEMO, 2016). Mesmo que se observe um incentivo ao ingresso de grupos sociais distintos na educação superior, o histórico de desigualdades econômicas, culturais e educacionais ao longo dos anos no país tem como um de seus reflexos a competitividade pelas vagas nos cursos, algo que beneficia aqueles indivíduos melhor posicionados em termos financeiro, familiar e educacional, apesar da notada massificação do ensino e da popularização de algumas formações ao longo do anos, tal como é o caso do curso de Administração (BERTERO, 2006; FONTELE; CRISÓSTOMO, 2016, INEP, 2019).

Destaca-se a relevância dos cursos de Administração na estrutura educacional do país e neste estudo, já que essa é a área de formação com um dos maiores números de matrículas no Brasil, não se considerando os cursos de educação executiva, especializações, mestrados e doutorados (BERTERO, 2006; INEP, 2019). Essa formação apresenta-se ainda como uma entre as dez principais com inscrição no Programa Universidade para Todos (PROUNI) e no Sistema de Seleção Unificada (SISU) (SOUZA; GONÇALVES; SOUZA, 2017).

Identifica-se, no entanto, uma lacuna teórico-empírica nas pesquisas em Administração quanto à investigação de grupos sociais diversos no ensino superior, especialmente considerando as condições estruturais e sociais que impactam as trajetórias acadêmicas e contribuem à permanência na educação superior. Ressalta-se, sobretudo, a importância de compreender os fatores que levam jovens das camadas populares ou em vulnerabilidades sociais a permanecerem estudando, apesar de todas as condições desfavoráveis para que isso ocorra (ALVARENGA et al., 2012; FELICETTI, 2014; DARWICH; GARCIA, 2019; MENDES, 2020).

Observar diretamente, portanto, o lugar de origem - além das demais dimensões que integram os retratos sociológicos - de jovens dos meios populares estudantes de Administração possibilita (i) reforçar a presença do lugar na constituição de biografias juvenis e sua influência na permanência de jovens no ensino superior; (ii) iluminar a diversidade de vivências no interior dos meios populares e (iii) as formas particulares de apropriação - objetivas e subjetivas - desse lugar; e, sobretudo, (iv) constituir um agregado metodológico importante para a compreensão das espacialidades e mobilidades urbanas das juventudes, visto que considera as dinâmicas intra e inter-lugares, tanto simbólicas quanto materiais, bem como suas influências na sua sua formação superior.

A partir dessa introdução, apresenta-se a estrutura do texto: na sequência discute-se sobre etnografia; posteriormente, abordam-se os retratos sociológicos e a relevância do estudo sobre o lugar no fazer etnográfico em Lahire; a seguir, realiza-se uma proposta de roteiro de entrevista

agregando a dimensão do Lugar às demais esferas de investigação; e, por fim, passa-se às considerações finais.

## 2. A etnografia

Segundo Cao (1997, p. 1), a etnografia “se traduz etimologicamente como o estudo das etnias e significa a análise do modo de vida de uma raça ou grupo de indivíduos, mediante a observação e descrição do que fazem, como se comportam e como interagem entre si, para descrever suas crenças, motivações e perspectivas [...]” (tradução nossa). A etnografia apresenta-se como uma das formas possíveis de escrita sobre o trabalho realizado em um determinado campo social. Ela não é o trabalho realizado em si. Há a conversão de acontecimentos passados em narrativas construídas no presente, imbuídas pelos relatos e presenças dos atores nativos da cultura retratada e do próprio etnógrafo ou pesquisador (POUBEL; MARGON; JÚLIO, 2018).

A etnografia exige do pesquisador a entrada efetiva no grupo social, de forma a aprender suas linguagens e costumes e a saber interpretar adequadamente sua cultura e particularidades, porque deve-se saber compreender e descrever os eventos e as circunstâncias sob a mesma língua que os nativos (CAO, 1997; FLORES-PEREIRA; CAVEDON, 2009; POUBEL; MARGON; JÚLIO, 2018). Entretanto, a presença do pesquisador junto aos nativos também pressupõe de um afastamento da realidade investigada, o que diz de um exercício de interiorização e de exteriorização à realidade observada, visto que há a necessidade de um reserva para a reflexão sobre o material coletado em campo – pois envolve uma troca entre experiências e interpretações sobre eventos e pessoas. Nesse sentido, requer-se o estranhamento do pesquisador ao objeto de análise, pois esquemas conceituais, valores e percepções do pesquisador e dos nativos tendem a confluir, principalmente no caso do primeiro (CAVEDON, 2005; MAGNANI, 2009).

Para Cavedon (2005), a etnografia é um trabalho de pesquisa interpretativa em que se busca compreender as singularidades de culturas de grupos ou subgrupos sociais indo à campo com uma bagagem teórica sólida e estando livre de preconceitos. É um processo de aprofundar-se: olhar cuidadosamente, sentir os cheiros, degustar alimentos, ou seja, trabalhar com todos os sentidos em campo. Nesse contexto, questionamentos aos nativos é um recurso fundamental, mas é preciso também silenciar para que se possa entender as situações (CAVEDON, 2005).

Historicamente, até o século XIX, etnógrafos e antropólogos eram sujeitos distintos. Esses últimos permaneciam em seus gabinetes, enquanto viajantes e missionários realizavam o trabalho de coleta de dados junto às comunidades investigadas. Mas, esse cenário mudou no final do XIX e início do XX, onde trabalho de campo e teorização passaram a ser realizados pelos antropólogos. Dentre eles, Bronislaw Malinowski destaca-se com o seu memorável trabalho “Os argonautas do Pacífico Ocidental”, realizado na segunda metade do século XX, acerca da realidade de nativos situados nas ilhas Trobriand, na costa de Nova Guiné. Foi com Malinowski (na vertente anglosaxã) e com Marcel Mauss (vertente francesa), principalmente, que a etnografia se consolidou como uma disciplina profissionalizada no final do século XX (PELÁEZ, 2013). Segundo Clifford (2008, p. 22), “O que emergiu durante a primeira metade do século XX com o sucesso do pesquisador de campo profissional foi uma nova fusão de teoria geral com pesquisa empírica, de análise cultural com descrição etnográfica”.

Malinowski nos dá a imagem do novo “antropólogo”: acorrendo-se junto à fogueira; olhando, ouvindo e perguntando; registrando e interpretando a vida trobriandesa. [...] o pesquisador de campo deveria viver na aldeia nativa, ficar por lá por um período de tempo suficiente (mas raramente especificado), usar a língua nativa, investigar certos temas clássicos, e assim por diante (CLIFFORD, 2008, p. 25-27).

A nova etnografia tinha por norma de pesquisa a observação para a apreensão de uma cultura, essa analisada como sendo um conjunto de comportamentos, gestos e cerimônias. Contudo, entendendo a cultura como um todo complexo e observando o tempo de permanência no

etnógrafo, esse poderia focar em temáticas específicas para estudo (CLIFFORD, 2008).

Para Cao (1997) a etnografia, enquanto um método, é uma articulação entre experiência de campo e trabalho analítico - inseparáveis -, que utiliza diferentes técnicas para coletar, analisar e apresentar dados (observação participante, entrevistas abertas, descrição narrativa, análise qualitativa). Além disso, o método etnográfico pode ser empregado em diferentes fases de uma pesquisa, tais como: início de uma investigação longitudinal; estudo de uma comunidade; diagnóstico; e em pesquisas quantitativas para a produção de descrições densas de situações.

Oliveira (2013) e Jirón e Imilan (2016) expressam que o método etnográfico constitui-se com o “outro” e a partir do “outro”, de modo que pesquisador e objeto se confundem no processo. Oliveira (2013) também afirma que pela etnografia pode-se relacionar as ações de um sujeito com um todo simbólico e sociocultural. Conforme o autor, a etnografia possui uma proposta de descrição densa, bem como “a possibilidade de elaborar no campo as categorias de análise, a partir dos próprios significados que os sujeitos constroem [...] ao mesmo tempo que permite ao pesquisador situar [...] que posições são tomadas em determinada dinâmica social” (OLIVEIRA, 2013, p. 278).

O método etnográfico requer uma série de aspectos para ser considerado uma etnografia de fato. Deve-se ter uma fundamentação teórica que sustente a compreensão de determinada realidade, um problema de pesquisa definido e um desenho de investigação com etapas e técnicas de pesquisas claras (CAO, 1997). A entrada no campo pressupõe, essencialmente, as inquietações do pesquisador, também sendo possível que isso parta do grupo social investigado (CAO, 1997). Durante o processo etnográfico tem-se de saber lidar com os imponderáveis da vida (no cotidiano) e com os comportamentos que necessitam um relação mais íntima com os nativos, pois isso também impacta na permanência do pesquisador no campo e no desenvolvimento do seu trabalho de observação (OLIVEIRA, 2013).

Weber (2009) salienta que é importante o etnógrafo saber observar e escutar. O escutar é importante pois é uma forma de evitar que o pesquisador receba respostas que possam espelhar as questões propostas as suas expectativas, além de poder ouvir dos nativos as suas próprias classificações. Portanto, a escuta é um princípio da observação no método etnográfico, uma vez que possibilita o acesso às práticas e às visões de mundo dos pesquisados (WEBER, 2009). Agrega-se ao exposto que a etnografia possui três fases: situar-se, observar e descrever. Essas fases traduzem-se na vivência do etnógrafo como andar, ver e escrever. O situar versa sobre a presença espacial do pesquisador no meio social estudado. Abrange as relações com os pesquisados; os deslocamentos nos territórios de transitoriedade daqueles; e as circunstâncias envolvidas na obtenção de materiais ou dados (SILVA, 2009).

Sobre o andar e ver, Silva (2009) fala de um trajeto, um percurso, uma viagem do pesquisador por entre os atores e no campo. Um olhar que acompanha o fluxo dos nativos, os objetos e a mudança de cenários; captando coisas, pessoas e paisagens. Já a escrita é um ajuste do foco do que se viu (as marcas dos deslocamentos – o notado, o espionado, o percebido) ao longo do percurso (o andar). O escrever refere-se às anotações, palavras e expressões de textos, cartazes, avisos públicos, transcrições, comentários soltos, rabiscos, conversas longe do gravador etc. É no escrever que os sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) são rememorados e acionam as vivências e experiências no campo (SILVA, 2009).

Para tanto, o fazer etnográfico utiliza-se da técnica de observação participante, através da qual o pesquisador interage com o contexto investigado. Nesse processo, o pesquisador também é atravessado pelas experiências produzidas por suas observações e torna-se um ator vivo e integrante das análises, interpretações e na textualidade dos relatos sobre os acontecimentos no campo. Por isso, deve atentar-se aos registros que produz, com as informações que obtém através de suas observações e reflexões, e com depoimentos concedidos pelos nativos (FLORES-PEREIRA; CAVEDON, 2009; POUBEL; MARGON; JÚLIO, 2018).

Como suporte ao trabalho etnográfico do pesquisador estão os diários de campo, que armazenam sentimentos, memórias, expressões típicas do grupo social, descrições sobre a realidade investigada, ritos de passagem etc. Os diários também registram o processo de aculturação do pesquisador, que mergulha no cotidiano de um grupo e a todo momento está sendo atravessado por peculiaridades daquela realidade (POUBEL; MARGON; JÚLIO, 2018; FLORES-PEREIRA, 2009). Nesse sentido, o diário de campo é uma ferramenta essencial ao pesquisador, pois é nele que são registrados diariamente as dinâmicas sociais, percepções, curiosidades, e conversas do pesquisador no campo (CAVEDON, 2005).

Independentemente de como as descreve, Silva (2009) ressalta que são etapas interdependentes, recíprocas e interinfluenciáveis no decorrer do trabalho no campo. O etnógrafo traça um percurso de análise, posteriormente construído em formato de um texto; esse percurso é a espinha dorsal das narrativas construídas e ela que torna o material coletado legível. Segundo Clifford (2008), a etnografia está imersa na escrita, que traduz textualmente a experiência do etnógrafo. A escrita, apesar das subjetividades presentes, é tida como estratégia de autoridade, envolve afirmação, não questionável e, assim, denota um peso de verdade ao texto.

Quanto ao estar no campo, o etnógrafo ou pesquisador deve ter claros os seus procedimentos, problema teórico, métodos e técnicas prévias, vem como sua postura e seus valores. Entretanto haverá sempre o desconhecido, dúvidas e incertezas em relação à entrada no campo de pesquisa, pois o campo é também um território com demarcações, ambiguidades, fronteiras e múltiplos significados (SILVA, 2009).

Diante disso, estando consciente das demarcações e particularidades do campo, o pesquisador acaba por assumir uma identidade e um lugar, ativados cotidianamente nas interações com os nativos (rituais, trabalhos, entrevistas informais, conversas e bate-papos etc.). Porém, essas interações ocorrem à medida que há um sentimento mútuo entre pesquisador e pesquisados, considerando as resistências iniciais e as influências (objetivas e subjetivas) bilaterais (SILVA, 2009).

### **3. Bernard Lahire e a etnografia: os retratos sociológicos**

Os retratos sociológicos buscam representar como as disposições formam-se e estão presentes nos distintos papéis sociais que as pessoas ocupam (LOPES, 2012). Como produtos de socializações do passado e do presente, as disposições podem ser acionadas ou inibidas em um mesmo ou em diferentes contextos de prática, o que evidencia a regularidade e a intensidade com que ocorrem e são incorporadas pelos indivíduos (LAHIRE, 2005; BOAES; OLIVEIRA; ASSIS, 2019; JUNQUEIRA, 2019). Os retratos possuem um caráter biográfico que representa uma característica da própria Sociologia de explicar o que as pessoas fazem, dizem e pensam e o porquê disso (JUNQUEIRA, 2019). Assim, há a necessidade de reconstituir as experiências para a compreensão daquelas, de tal forma a problematizar o curso de vida e não apenas explicar as posições sociais ocupadas pelos indivíduos em determinados espaços. Sobretudo, Lahire interessa-se pela intensidade de cada experiência nas socializações de uma pessoa, como aquelas que marcaram mais o percurso e as que tiveram maior número de repetições. Para o sociólogo o social está impregnado na experiência vivida incorporada (JUNQUEIRA, 2019).

Os retratos sociológicos são constituídos a partir de entrevistas biográficas semidiretivas, sendo que elas podem ter conteúdos variados e não sequenciais (LOPES, 2012). Tais entrevistas devem ocorrer em diferentes momentos do estudo e não obedecem a uma sequencialidade temática. Os espaços de pausa entre os encontros do pesquisador com o pesquisado enfatizam os momentos necessários de reflexividade do entrevistado sobre a sua biografia. Além disso, o espaçamento permite que o pesquisado possa ir além de uma narrativa pré-concebida sobre si, de modo a evitar a construção de uma fala heroica ou exitosa. O pesquisador, por sua vez, deve ter a habilidade de aprofundar seus questionamentos indo ao cerne do social enraizado nas biografias

(LAHIRE, 2002; 2004).

Segundo Junior e Massi (2015, p. 572) os retratos não pretendem conhecer o todo de um sujeito, mas “objetivar a subjetividade, identificando as marcas do social no individual, estabelecendo uma ponte entre os contextos macrosociológico e microsociológico”. Na visão dos autores, Lahire busca estabelecer uma relação entre o micro, o macro, o individual e o social. Através dos retratos, o sociólogo trata de evidenciar as contradições e variações disposicionais, de tal forma que ilumina a heterogeneidade do patrimônio disposicional (JUNIOR; MASSI, 2015).

Para Junqueira (2019), pela corrente disposicionalista, o sujeito não está separado do meio em que interage e nem das condições que circunscrevem as interações. Sociedade e relações sociais estão imbricadas em processos de socialização. Dito isso, o sujeito é observado dentro de suas redes de relações sociais, portanto, no âmbito de suas socializações. Assim,

[...] a biografia individual está situada no devir histórico social e ambos são mutuamente condicionados. Em termos práticos, é impossível conhecermos a vida de um indivíduo sem localizá-la num período específico da história da sociedade em que ele vive. É também impossível conhecermos uma sociedade sem saber algo sobre as vivências e experiências dos indivíduos que nela interagem (JUNQUEIRA, 2019, p. 34).

O método biográfico, na corrente disposicionista, se confunde com os processos socializadores, pois são esses processos que conformam e são conformados pelos sujeitos. As biografias, enquanto aparatos metodológicos, buscam “entender de que modo o agente expressa a sociedade em si mesmo à medida em que vive, e como sua trajetória de vida é condicionada por uma consciência coletiva exterior a ele” (JUNQUEIRA, 2019).

A perspectiva sociológica de Lahire é relevante por duas razões: a primeira, porque opera como um contraponto às análises macrosociológicas, que apresentam maiores simplificações e abstrações sobre os sujeitos situados em grandes grupos de análise. Com isso, quer-se reforçar que a relação direta entre classes e culturas dominantes não é tão clara à escala individual. A segunda razão é que Lahire estabelece “um modo propriamente sociológico para o tratamento da individualidade” (JUNIOR; MASSI, 2015, p. 572).

[...] Muito embora biografia e história tenham relações incontornáveis de interdependência, estas não são completas, nem totalizantes. Há dimensões de descoincidência entre uma e outra. Descobrir, no estudo das trajetórias de vida dos indivíduos, o interstício desta descoincidência, que se caracteriza pela rapidez com que muda sua manifestação, nas sociedades contemporâneas, é a possibilidade empírica oferecida pelo método biográfico aos disposicionalistas de qualquer matiz (JUNQUEIRA, 2019, p. 34).

Os retratos sociológicos estão embasados em uma teoria de práticas com uma gênese contextual e plural de disposições. Quer dizer, os retratos buscam potencializar a reflexividade dos sujeitos e ressaltar a pluralidade das práticas à escala individual. Com isso, os indivíduos fazem uma conexão consigo e com os contextos em que interagem (LOPES, 2012).

A construção dos retratos sociológicos obedece a uma estrutura definida (LOPES, 2012):

- 1) Constroem-se uma guia de entrevista semidiretiva biográfica, adequada aos objetivos de pesquisa, sobre as esferas da vida dos entrevistados.
- 2) Realiza-se de duas a três sessões de entrevistas, com um espaço de tempo entre elas, para que entrevistador e entrevistado possam exercitar a reflexividade.
- 3) Transcreve-se as entrevistas.
- 4) Transforma-se as entrevistas em discursos em 1ª pessoa, de modo fluido e contínuo, como uma narrativa – sem silêncios, intejeições etc.
- 5) Parte-se à construção do retrato, o qual não deve ser exclusivamente descritivo, mas interpretativo.
- 6) Intitulam-se os retratos de modo a esclarecer o fio interpretativo do relato, composto por parágrafos que sintetizem o percurso e, na sequência, um corpo detalhado de eventos. Com

essa sistematização, busca-se agregar três possíveis leituras dos retratos: pelo título, pelo resumo e pelo corpo principal.

Como as entrevistas são organizadas por temas, o entrevistado tem a oportunidade de refletir sobre a sua trajetória de forma multifacetada, fazendo as conexões, rupturas e detalhando situações ocorridas nas diferentes esferas da vida (LOPES, 2012). Um primeiro cuidado é estar atento às possíveis seleções das questões às quais o entrevistado quer responder, de modo que ela construa e descreva personagens e acontecimentos. O entrevistador deve ter a habilidade de saber questionar sobre coisas que o próprio pesquisado não perguntaria ou para as quais não possuiria uma resposta prévia. Esse cuidado contribui para a profundidade dos retratos, tornando-os mais genuinamente sociológicos e menos autorretratos. Ressalta-se que os entrevistados nem sempre têm consciência de suas práticas ou ações, por isso é importante que o pesquisador transcenda o que o entrevistado sabe sobre si (JUNIOR; MASSI, 2015).

Destaca-se ainda o entendimento de que a juventude – alvo de interesse dos retratos sociológicos nesse estudo - é um espaço plural de vida, de constituição de trajetórias escolares e socio-ocupacionais singulares, apesar da homogeneidade e dos estereótipos associados aos jovens dessa realidade social (ANDRADE; MEYER, 2014; GADEA et al., 2017; SAVEGNANO, 2019). Evidencia-se, portanto, a importância da pluralidade de suas experiências, como também as especificidades de seus contextos e oportunidades, ressaltando a diversidade social, étnica, de gênero etc. e as desigualdades dispersas em seu próprio contexto ampliado de vida (CASTRO; ABRAMOVAY, 2015; DOUTOR, 2016; GADEA et al., 2017).

### **3.1 Um olhar para o lugar no fazer etnográfico dos retratos sociológicos de jovens dos meios populares**

Neste estudo, lugar é compreendido como a cotidianidade, o vivido, o simbólico ou cultural, o material e o imaterial. Lugar é o produto das pessoas em seu cotidiano, estando presentes as relações hierárquicas e o diálogo entre elas (o ambiente externo e as ações do Estado), bem como as horizontalidades (as relações de vizinhança) internas (CARLOS, 2007; QUEIROZ, 2015). A apropriação simbólica e material de uma porção do espaço imbrica-se com a realidade exterior e é atravessada por essa, isto é, “o modo no qual a experiência é vivida e agida no lugar e o modo como ela se relaciona e se integra em práticas políticas e econômicas que são operativas em escalas mais amplas. [...] o terreno onde são vividas práticas sociais, é onde se situa a vida cotidiana, é o espaço praticado (SANTOS, 1988; FERREIRA, 2000, p. 77; CALLAI, 2004; CARLOS, 2007; BARTOLY, 2011; SUESS; RIBEIRO, 2017).

Para Carlos (2007), há um mundial no local, que conserva particularidades (sua perspectiva histórica e suas influências internacionais, nacionais e regionais), mas que redefine conteúdos. Também é a partir do lugar que se consegue visualizar os modos de viver e habitar, o uso, o consumo, os processos de apropriação do espaço, a cultura (tradições, códigos, hábitos, linguagem), apreendidos pela memória, pelos corpos e pelos sentidos (CALLAI, 2014; CARLOS, 2007). Como síntese dos aspectos que fundam o conceito de lugar adotado nesse estudo elaborase o Quadro 1.

### Quadro 1 – Aspectos que fundamentam o conceito de lugar

- Envolve experiências diretas e consciência sobre o meio em que se vive.
- Engloba relações externas e internas.
- É o mundo vivido (conhecimentos, práticas, representações).
- Envolve a formação da identidade.
- É uma forma de horizonte de alcance, isto é, uma perspectiva fora do espaço experienciado.
- É um espaço de resistências simultaneamente global e singular.
- Envolve o conhecimento de processos globais pois impactam a vida diária.
- A sua construção está ligada a aspectos sociais, políticos e econômicos, sendo uma construção social.
- É a conexão entre a mundialidade e a especificidade concreta; reproduz o mundo em modos singulares e diversificados.
- Possui em seu interior diversas identidades que são constituídas por um sem-número de relações sociais, redes, movimentos e comunicações de caráter econômico, político e cultural.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Ferreira (2000).

Mesmo que na concepção de lugar se observe o dentro e o fora (SANTOS, 1988), a redefinição histórica do observador externo e a redefinição de sentido para o nativo, respectivamente, Carlos (2007) aponta que são as interrelações entre o interno e o externo que potencializam os sentidos do lugar (que pode ser tanto um bairro, uma praça, como uma rua). Esses lugares são símbolos de pertencimento de uma pessoa ao espaço, onde, por exemplo, a rua é tida como a identificação espacial. Ao caminhar pela cidade e observar uma placa com o nome do bairro em que reside, por exemplo, um indivíduo identifica este bairro como parte de si, que carrega suas subjetividades, sentimentos, vivências, identidades e significados (liberdade, experiências, pessoas, objetos, segurança, amor, ódio etc.), sendo que cada pessoa possui seu modo de apropriação do lugar. Portanto, esse último é uma construção múltipla aos grupos e indivíduos (CALLAI, 2004; CARLOS, 2007; BARTOLY, 2011; SUESS; RIBEIRO, 2017). Dessa maneira, o indivíduo configura-se enquanto sujeito do espaço, que narra seus lugares a partir de uma perspectiva singular, reafirmando valores, memórias, vontades, visões de mundo, gostos, culturas, práticas e condutas (SUESS; LEITE, 2018).

Consideram-se ainda as fronteiras físicas, sociais e simbólicas do lugar e o seu papel na socialização dos indivíduos. Nesse sentido, atenta-se para como o lugar influencia os modos de ver, agir e ser, as trajetórias e as práticas sociais, bem como as relações entre os indivíduos e essa porção do espaço. Por outro lado, considerando as peculiaridades sociais de lugares periféricos, especificamente, em que pese as violências, discriminações e outras formas de estigmatização, barreiras podem ser erguidas de forma a minimizar os fluxos entre o interno e o externo, assim como intensificar a permanência dos nativos as suas condições sociais originárias (GUELLATI, 2014).

Nesse contexto, os vínculos com o lugar são diversos. Afetividade, experiências, relações sociais, senso de coletividade e formação de identidade territorial são alguns tipos de conexões comuns com o lugar. As mesmas constituem formas de ordenação da vida cotidiana e, com isso, contribuem para evidenciar o entorno nas sociabilidades, na formação das juventudes, as escolhas e os posicionamentos sobre as pessoas e sobre si (CORREA, 2008; BRAGA, 2013, GERALDO, 2015). Cordeiro (2018) corrobora a discussão ao afirmar que o olhar multifacetado ou em escalas menores para as mobilidades na cidade contribui para identificar as diversas identidades no seu interior. Nessas visões revelam-se apropriações, usos, experiências, histórias e territórios de pertencimento, aflorando a humanização dos espaços, a confluência entre espaço social e tempos coletivos e individuais (plurais e descompassados), bem como conexões entre passado e futuro que desvelam uma historicidade.

Na visão de Magnani (2005), muitos estudos que relacionam juventude e cidade tendem a considerar essa última como um cenário indiferenciado de fluxos e fragmentos. Em contrapartida, o autor defende que o espaço não é limitado a uma inscrição local, mas a múltiplas apropriações

pelos jovens da cidade (rua, bairro, região etc.). “A cidade é um lugar de resistência, para Magnani, quando grupos se apropriam dos espaços, criam novas formas de sociabilidade em “não lugares”, modificam a “arquitetura do lugar, tentativa de ressemantizar a cidade através da produção de espaços carregados de sentidos [...]” (PIMENTEL, 2012, p. 38).

Magnani (2005) discute a circulação dos jovens pelo espaço urbano sob a ótica do que denomina de circuitos de jovens. O autor volta-se à análise dos deslocamentos, das relações de troca, dos comportamentos, das instituições e dos equipamentos urbanos, com atenção para a sociabilidade e para as permanências e regularidades. Tais análises têm por intuito relacionar os atores sociais e suas particularidades (pertencimentos, escolhas, valores, símbolos etc.) e o lugar no qual interagem. O lugar não como cenário, “e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço” (MAGNANI, 2005, p. 17).

Pimentel (2012) conclui que os sujeitos constroem suas trajetórias por meio de práticas diárias, sob as quais ressignificam modos de viver, estruturas impostas, produzem novos saberes e compartilham de outras lógicas. Quando em espaços periféricos (bairros), as práticas cotidianas assumem novos sentidos. As ruas desses bairros apontam para modos particulares de vida na cidade, definindo gradualmente os lugares – construídos, apropriados e reapropriados pelos sujeitos pelos usos que esses fazem e os sentidos que atribuem.

#### **4. Retratos sociológicos: proposta de estrutura do roteiro de pesquisa**

Retomando o entendimento dos retratos sociológicos, os mesmos resultam de um conjunto de entrevistas biográficas a partir das quais se busca compreender a incorporação das disposições individuais nos diferentes papéis sociais ocupados nos espaços de práticas. Tais retratos são (i) uma construção de um pesquisador sobre um pesquisado; e (ii) um exercício social em que se pretende apresentar os contextos sociais, os atores e as interações com e entre as pessoas. Portanto, representam uma análise social do indivíduo onde há o acompanhamento das disposições e suas variações, as aquisições (ou não) de outras, suas ativações ou inibições nos contextos vivenciados por ele (SILVA, 2018).

Metodologicamente, a formação dos retratos requer a elaboração de um conjunto de questões que percorra o passado, o presente e o futuro dos indivíduos, possibilitando uma análise ampla e densa acerca dos múltiplos contextos sociais de interação (SILVA, 2018). Por se voltar a uma análise em profundidade e minuciosa, o método não se preocupa com a extensão (número de entrevistados), mas com a profundidade das entrevistas; portanto, intenta fugir de descrições reducionistas ou superficiais. Como exemplos, Oliveira (2013) entrevistou seis pessoas em uma rodada de três entrevistas com cada uma acerca de práticas jornalísticas. Junior (2013), por sua vez, entrevistou cinco jovens - igualmente em três rodadas -, com o intuito de analisar as disposições que contribuíam para o seu abandono do curso superior. Por fim, o próprio Lahire (1997) realizou seis rodadas de entrevistas com oito crianças oriundas dos meios populares, estudantes do ensino primário francês, com o objetivo de averiguar os casos de sucesso e fracasso escolares naqueles ambientes.

Considerando-se o objetivo de compreensão da permanência de jovens dos meios populares estudantes do ensino superior, propõe-se a elaboração de um roteiro de entrevista que integre às dimensões de investigação dos retratos sociológicos (família, escola, trabalho, amigos, lazeres e atividades culturais etc.), também questões orientadas à análise do lugar de origem desses jovens. Para tanto, buscou-se nos trabalhos de Ferreira (2020), Silva (2018), Gomes et al. (2014), Reis (2014) e Ruskowski (2012), uma inspiração para a construção da estrutura do roteiro apresentado a seguir. Salienta-se que os trabalhos citados possuem foco em públicos distintos e, sobretudo, não abordaram a dimensão do lugar em suas análises, inéditas no âmbito dos estudos disposicionalistas.

No tocante às questões sobre o Lugar, toma-se como ponto de partida o Quadro 1 (p 8), que sintetiza suas características. Além disso, reforçam-se alguns pontos importantes para o melhor dimensionamento dos aspectos de análise na pesquisa: i) o lugar de origem é atravessado por forças externas (sociais, culturais, econômicas, globais, nacionais, regionais); ii) observa-se marcas do lugar de origem em outras esferas da vida (tal como nos ambientes profissional e educacional), por isso deve-se considerar as intersecções e influências mútuas; e iii) o lugar, além da materialidade (o físico, como as construções públicas e privadas e estruturas), é apropriado pelos sujeitos – portanto imerso em subjetividades – através dos corpos, sentidos e modos de uso. Desse modo, as questões elaboradas precisam integrar tanto a objetividade quanto a subjetividade dos lugares de origem dos jovens.

Assim, com base no exposto anteriormente, propõe-se a seguinte estrutura para a construção dos retratos sociológicos de jovens oriundos dos meios populares, visando à compreensão da sua permanência em cursos de Administração. (Quadro 2). Ressalta-se que apenas algumas questões ilustrativas são descritas no mesmo, dada a limitação de espaço para esgotá-las nesse trabalho.

**Quadro 2 – Dimensões, categorias e questionamentos dos retratos sociológicos**

Dimensão	Categorias	Questionamentos
Trajetória social, laboral e educacional	Participante	Idade; Religião; Estado civil; Orientação sexual (caso queira responder); Cidade de nascimento e de moradia (também os locais onde morou).  Questões de apoio (exemplos): Onde você nasceu e viveu sua primeira infância? Quando criança morou com quem e como era sua relação com essas pessoas?
	Família	Composição familiar; Tipo de residência; Condições de vida durante a infância e a adolescência; Episódios marcantes com pessoas Memórias Família própria (se possui) Expectativas de futuro (e modelo de família) Meios de subsistência Mapas afetivos (relações e proximidades) Situação dos pais (casados etc.) Formação escolar e ocupação dos pais Ocupação e escolaridade dos avós (paterno e materno) Práticas culturais dos pais e parentes próximos Religião do pai e da mãe Renda familiar aproximada  Questões de apoio: Como é seu pai e a sua mãe? (personalidades) Como era o seu relacionamento com seus pais? O que você reproduz ou pretende reproduzir para o relacionamento com seus filhos?
	Trabalho	Atividade profissional vigente / anterior ao curso superior ou outro (se está trabalhando) Pessoas e episódios marcantes Influências para trabalhar na área Significados do trabalho Decisões em permanecer ou trocar de trabalho Tipo de trabalho (formal ou informal) Motivações e justificativas para trabalhar Renda individual (se está trabalhando) ( <b>continua...</b> )

	Educação	<p>Cursos e instituições Escolhas e razões de escolha Condições sociais e escolares Aspirações Expectativas e frustrações</p> <p>Episódios mais marcantes na trajetória Autopercepção de competências adquiridas Importância da educação no percurso de vida Estratégias para se manter estudando</p> <p>Incentivo, participação e colaboração da família Rotina de estudos (tempos e atividades)</p> <p>Situações em que sentiu/sente mais facilidade e mais dificuldades Relacionamento com os professores e colegas</p> <p>Questões de apoio:</p> <p>O que você acha que foi positivo e o que poderia ser melhor na educação que você recebeu de sua família na infância e na adolescência?</p> <p>Como você é na sala de aula? Participativo(a)? Gosta de discussão? É questionador(a)?</p> <p>Quais atividades gosta mais e menos? Por quê?</p> <p>Como você vê as atividades em grupo? Você tem preferência?</p> <p>Como você percebe as suas contribuições em atividades coletivas? Você percebe que é ouvido(a)? Consegue expressar seus pontos de vista/ideias?</p> <p>Você percebe que há trocas de ideias, conhecimentos, entre os colegas e você em atividades em grupo?</p> <p>Em atividades em grupo, como você percebe que as soluções para as atividades/respostas surgem? Vocês pensam separadamente; o conhecimento vai sendo construído entre vocês a partir do que sabem/entenderam/vivenciaram; alguém propõe uma resposta?</p>
		<p>Questões sobre a permanência</p> <p>Estratégias para se manter estudando</p> <p>Processo de adaptação (dificuldades e estratégias de adaptação) Incentivo, participação e colaboração da família</p> <p>Rotina de estudos (tempos e atividades)</p> <p>Situações em que sentiu/sente mais facilidade e mais dificuldades para aprender e como se desenvolveu (disposições) nessas situações</p> <p>Processo de resolução das dificuldades com: conteúdo, colegas, professores, coordenação (disposições acionadas).</p> <p>Relacionamento com os professores e colegas Traços familiares presentes na trajetória acadêmica</p> <p>Aspectos profissionais presentes na trajetória acadêmica O que te moveu/te move a estudar?</p> <p>Por que o curso de Administração?</p> <p>O que te incentiva/te dá forças/te faz permanecer estudando?</p>
	Redes e sociabilidades	<p>Atuais e durante a trajetória biográfica</p> <p>Amigos Lazer</p> <p>Pessoas e episódios marcantes Memórias e/ou experiências</p> <p>Importância das redes e das sociabilidades no percurso Estilo(s) musical(is) preferido(s) e justificativa Aversão a qual(is) tipo(s) de música(s) e justificativa Uso da internet</p> <p>Atividades preferidas (TV, cinema, teatro, bares, baladas, academia etc.)</p> <p>Gênero de filmes preferidos (ação e aventura, romance, drama, terror, ficção, comédia etc.)</p> <p>Gêneros literários (poesia, biografias, policial, técnicos, nenhum etc.) Outros tipos de atividades realizadas</p>
Lugar de origem do indivíduo	Aspectos objetivos	<p>Moradias e suas características Ruas e suas características</p> <p>Estabelecimentos comerciais, educacionais, religiosos e de saúde Áreas de lazer compartilhadas</p> <p>Pontos físicos de socialização dos jovens</p> <p>Estrutura (saneamento básico, pavimentação, iluminação etc.) Aspectos ambientais (natureza)</p> <p>Lideranças comunitárias</p> <p>Ações sociais organizadas entre moradores Redes sistêmicas (grupos de apoio etc.)</p> <p>Projetos sociais próprios e/ou de terceiros (organizações não-governamentais etc.)</p> <p>Sistema monetário do lugar (se houver) Projetos para promoção de trabalho (se houver)</p> <p>Fatores que reforçam a permanência e/ou a saída do indivíduo do seu lugar de origem</p> <p>Fatores que podem influenciar um possível retorno (futuro) ao lugar de origem (fixar moradia)</p>

	Aspectos subjetivos	<p>Memórias/lembranças da infância, adolescência, juventude no lugar Artefatos que representam o lugar para o indivíduo</p> <p>Locais preferidos e suas ativações (símbolos, significados) Relações com a vizinhança</p> <p>Relações com os amigos</p> <p>Aspectos negativos percebidos sobre o lugar Aspectos positivos percebidos sobre o lugar</p> <p>Importância do lugar na trajetória do indivíduo</p> <p>Formação da identidade do indivíduo a partir do lugar (aspectos do lugar presentes na identidade, personalidade, do indivíduo)</p> <p>Fatores que reforçam a permanência e/ou a saída do indivíduo do seu lugar de origem</p> <p>Fatores que podem influenciar um possível retorno (futuro) ao lugar de origem (fixar moradia)</p> <p>Aspectos da cultura do lugar (comportamentos, códigos etc.) <b>(continua...)</b></p>
	Atravessamentos internos-externos	<p>Representações do lugar para o indivíduo (em outros espaços) Representações do lugar no ambiente profissional (para as pessoas)</p> <p>Representações do lugar no ambiente educacional (professores, alunos, diretores)</p> <p>Representações do lugar no ambiente religioso Representações do lugar para as amigadas (externas)</p> <p>Situações de orgulho em pertencer ao lugar Situações de vergonha em pertencer ao lugar</p> <p>Situações de constrangimento sofridas por pertencer ao lugar</p> <p>Características do lugar que você percebe no seu comportamento no ambiente profissional</p> <p>Características do lugar que você percebe no seu comportamento no ambiente educacional</p> <p>Características do lugar que você percebe no seu comportamento ambiente religioso (se frequente)</p> <p>Características do lugar que você percebe no seu comportamento no relacionamento com colegas de trabalho, da escola/ensino superior, do ambiente religioso</p> <p>Fatores de estranhamento ao retornar ao lugar de origem Fatores de estranhamento ao sair do lugar de origem</p> <p>Comportamentos que foram/são incorporados e reproduzidos no lugar de origem</p> <p>Comportamentos que foram/são incorporados e reproduzidos em outros lugares</p> <p>Situações/memórias do lugar que são acionadas quando se está aprendendo no ambiente educacional</p> <p>Situações/memórias do lugar que são acionadas quando se está realizando um trabalho coletivo no ambiente educacional</p> <p>Situações/memórias do lugar que são acionadas quando se está realizando um trabalho coletivo no ambiente profissional</p> <p>Situações/memórias do lugar que são acionadas nos momentos de explicação do professor em sala aula</p> <p>Situações em que o entendimento é facilitado quando se relaciona a situações/peculiaridades do lugar de origem (ambiente educacional) – exemplos Situações em que só foi possível aprender porque se relacionou à realidade do lugar de moradia do indivíduo</p> <p>Atividades da escola que valorizaram/valorizam o lugar de origem na aprendizagem</p> <p>Atividades propostas pelo professor que valorizaram/valorizam o lugar de origem na aprendizagem</p> <p>Atividades propostas pelos alunos que valorizaram/valorizam o lugar de origem na aprendizagem</p> <p>Identificação de traços do lugar de origem dos colegas de trabalho e da escola/ensino superior no comportamento deles</p> <p>Resistências em ter de mudar comportamentos em outros lugares Gostos e hábitos incorporados de outros lugares</p> <p>Gostos e hábitos adquiridos no lugar de origem que são reproduzidos em outros lugares</p> <p>Locais que continuam a ser frequentados no lugar de origem Locais que não são mais frequentados no lugar de origem</p> <p>Gostos, hábitos, comportamentos de outros lugares que foram/são adotados pela família</p> <p>Gostos, hábitos, comportamentos de outros lugares que foram/são compartilhados com amigos</p> <p>Gostos, hábitos, comportamentos do lugar de origem que foram/são compartilhados com amigos e colegas de trabalho/escola/ensino superior</p>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Ferreira (2000), Carlos (2007), Ruskowski (2012), Callai(2014), Gomes et al. (2014), Reis (2014), Silva (2018) e Ferreira (2020).

A partir da construção das categorias e questionamentos a respeito do lugar na investigação

dos retratos sociológicos em Lahire, cabe refletir sobre a convergência entre a proposta realizada e a sociologia à escala individual. O pressuposto da singularidade carrega consigo o social dobrado, que refere-se às múltiplas experiências (em parte decorrentes das condições de origem) de um sujeito e como esse último as atravessa em suas socializações no presente. Como o sujeito é constituído socialmente, sendo produto de suas experiências socializadoras diversas e variáveis em intensidade e duração, ele é resultado dos trânsitos que realiza em diferentes espaços de práticas, no sentido das relações estabelecidas, dos compromissos e dos pertencimentos passados e presentes, não limitando-se ao pertencimento de classe e a sua cultura. Os traços culturais – em um sentido ampliado – sintetizam-se no indivíduo, combatem-se, combinam-se, contradizem-se, articulam-se, coexistem (JUNQUEIRA, 2019). Desse modo, o olhar para o Lugar de origem desvela as materialidades e simbologias incorporadas através das disposições individuais e reproduzidas (ou não) tanto no interior do lugar quanto em outros domínios de práticas, sendo externalizadas nas socializações naqueles domínios.

## **5. Considerações finais**

Este ensaio teve por objetivo propor uma possibilidade de ampliação metodológica à estrutura dos retratos sociológicos na teoria disposicionalista de Bernard Lahire. Tal proposta visa ampliar perspectivas de análise para a compreensão das trajetórias e da permanência de jovens dos meios populares em cursos superiores em Administração. Para isso adotou-se a introdução do Lugar de origem como uma dimensão analítica nos retratos sociológicos, para além das outras categorias ou contextos de investigação, tais como família, educação e trabalho.

Acredita-se no potencial de exploração do lugar de origem enquanto dimensão latente nos retratos sociológicos e não apenas como um elemento que os tangencia. Trata-se, portanto, de elevar sua importância na perspectiva etnográfica de Lahire e de tentar elocubrar novos dados e análises no trabalho etnográfico. Ademais, destaca-se a relevância dessa proposta para tentar objetivar pela empiria as subjetividades do lugar de origem e os seus desdobramentos nas disposições, algo que caminha em direção à sociologia experiencial de Lahire (2004). Assim, crê-se estar contribuindo também para desconstruir visões homogeneizantes e estigmatizadoras sobre a realidade das juventudes dos meios populares, pois intenta-se acessar a particularidade das suas trajetórias e iluminar como as suas construções ocorrem.

Sobretudo, a perspectiva dos patrimônios disposicionais permite compreender a particularidade das trajetórias acadêmicas e, por conseguinte, das condições para a permanência no curso superior por jovens das camadas populares. Estudos sobre permanência (ALMEIDA, 2007; BARBOSA, 2015; MAGALHÃES, 2015; VELOSO; SILVA, 2017; ARIÑO; DALVAN, 2018; FELINTO, 2019; MACIEL; JÚNIOR; LIMA, 2019) enfatizam que as dificuldades materiais que impactam sobre a decisão e as possibilidades de permanecer já são conhecidas, porém as dificuldades simbólicas e culturais adquirem um peso importante no entendimento desse fenômeno. Silva (2017) ressalta também que as dificuldades simbólicas, culturais e institucionais passam despercebidas nas ações orientadas à permanência no ensino superior.

Quanto à contribuição teórica do estudo, a lente teórica disposicionalista para a compreensão e análise das trajetórias acadêmicas e do fenômeno da permanência do estudante no curso superior pode agregar ao entendimento das dimensões simbólicas e culturais da permanência por aproximar aportes teóricos da sociologia e da geografia para problematizar um fenômeno no campo da Administração, evidenciando sua característica interdisciplinar. Ademais, agrega novas perspectivas de construção etnográfica em Bernard Lahire, especificamente à construção dos retratos sociológicos incluindo a análise do lugar de origem em primeiro plano.

Quanto às contribuições empíricas do estudo, poder-se-á compreender os múltiplos contextos da vida dos jovens universitários dos meios populares e como estão imbricados em suas trajetórias escolares e em suas decisões de permanência no curso superior; bem como, em segundo plano, compreender as formas como o lugar de origem as influenciam e como ele se apresenta nas disposições dos jovens investigados.

Destaca-se também que muito ainda deve ser refletido e estruturado sobre a análise do lugar nas pesquisas disposicionalistas. Este estudo dispõe de olhares iniciais e que necessitam de um amadurecimento conceitual e empírico. Contudo, nota-se que é relevante pela discussão e

proposta que edifica e busca agregar ao campo da educação em Administração, sobretudo em que pese pesquisas voltadas às juventudes, de forma geral, ou juventudes em contextos específicos (tal como no retratado).

Por, fim, tendo em vista que a melhoria nas taxas de conclusão na educação superior brasileira requerem uma análise sobre o trajeto acadêmico, direcionando olhares para a permanência (SANTOS et al., 2013), destaca-se o potencial de contribuição do presente trabalho para subsidiar esforços nesse sentido, em termos de suas futuras implicações práticas.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Carolina Faria et al. Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 6, n. 1, p. 55-71, 2012.
- ANDRADE, Sandra dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e (m) histórias narradas. **Educar em Revista**, n. SPE-1, p. 85-99, 2014.
- ARIÑO, Daniela Ornellas; DA SILVA DELVAN, Josiane. As Trajetórias dos Acadêmicos Bolsistas do ProUni: desafios e estratégias de enfrentamento. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 2, 2018.
- BARBOSA, Patrícia Nunes. O processo de democratização do ensino superior no Brasil: programas federais de acesso e permanência. 2015.
- BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2011.
- BERTERO, Carlos Osmar. **Ensino e pesquisa em administração**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- BOAES, Giovanni; OLIVEIRA, Sheila Borges de.; ASSIS, Rodrigo Vieira de. Sociologia(s) em escala individual. 2019. In: **Política e Trabalho. Dossiê Sociologia(s) em escala individual**. Revista de Ciências Sociais, n. 50, jan-jun, 2019, p. 13-28. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/313633032\\_Retratos\\_Sociologicos\\_Orientacoes\\_Gerais/ink/58a0a3c092851c7fb4bf3fd7/download](https://www.researchgate.net/publication/313633032_Retratos_Sociologicos_Orientacoes_Gerais/ink/58a0a3c092851c7fb4bf3fd7/download)>
- BONALDI, Eduardo Vilar. Tentando “chegar lá”: as experiências de jovens em um cursinho popular. **Tempo Social**, v. 30, n. 1, p. 259-282, 2018. BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CABRERA, Tania Meneses; CARDONA, John Jairo Cardozo. La Etnografía: una posibilidad metodológica para la investigación en cibercultura. **Encuentros**, v. 12, n. 2, p. 93-103, 2014.
- CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: **VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, Universidade de Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Coimbra. 2004.
- CAO, Nidia Nolla. Etnografía: una alternativa más en la investigación pedagógica. **Educación médica superior**, v. 11, n. 2, p. 107-115, 1997. CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p CASTRO, Mary Garcia; ABRAMORAY, Miriam. Ser jovem hoje, no Brasil: desafios e possibilidades. Programa de prevenção à violência nas escolas. **FLACSO BRASIL**-Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2015.
- CAVEDON, Neusa Rolita. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 35, p. 13-27, 2005.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CORDEIRO, Graça Índias. Descompassos de uma etnografia: sobre os passados presentes de um bairro. **Tempo Social**, v. 31, n. 1, p. 35-54, 2018. DARWICH, Rosângela Araújo; GARCIA, Maria Lúcia Gaspar. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. **Revista Katálysis**, v. 22, n. 3, p. 558-565, 2019. DOUTOR, Catarina. Una mirada

sociológica sobre los conceptos de juventud y prácticas culturales: perspectivas y reflexiones. **Última década**, v. 24, n. 45, p. 159-174, 2016.

FELICETTI, Vera Lucia. Comprometimento do aluno ProUni: acesso, persistência e formação acadêmica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 95, n. 241, p. 526-543, 2014.

FELINTO, Jislayne Fidelis et al. Ensino superior privado: a permanência dos estudantes que ingressaram por políticas de Financiamento Estudantil–FIES e Programa Universidade para Todos– PROUNI. 2019. FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, v. 11, n. 9, p. 65-83, 2000.

FERREIRA, Patrícia Angélica. **Retratos sociológicos de cinco mulheres-da educação básica aomestrado**. 2020. Disponível em

<<https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2428/2/Patricia%20Angelica%20Ferreira.pdf>>

FLORES-PEREIRA, Maria Tereza; CAVEDON, Neusa Rolita. Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas

organizacionais deuma livraria de shopping center. **Cadernos Ebape. BR**, v. 7, n. 1, p. 152-168, 2009.

FONTELE, Tereza Lúcia Lima; CRISÓSTOMO, Vicente Lima. PROUNI-pontos controversos sob a análise de alunos bolsistas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 21, n. 3, p. 739-766, 2016. GADEA, Carlos A. et al. Trajetórias de jovens em situação de vulnerabilidade social: sobre a realidade juvenil, violência intersubjetiva e políticas para jovens em Porto Alegre-RS. **Sociologias**, v. 19, n. 45, p. 258-299, 2017. GOMES, Rui Machado et al. **Retratos sociológicos: orientações gerais**. 2014. Disponível em <

[https://www.researchgate.net/publication/313633032\\_Retratos\\_Sociologicos\\_Orientacoes\\_Gerais](https://www.researchgate.net/publication/313633032_Retratos_Sociologicos_Orientacoes_Gerais)

> GUELLATI, Yacine. **Os jovens em seu bairro: efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no município de Águas Lindas de Goiás**. Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo da Educação Superior – notas estatísticas 2017 (Diretoria de Estatísticas Educacionais –DEED). Disponível em

<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2018/censo\\_da\\_educacao\\_o\\_superior\\_2017-notas\\_estatisticas2.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_o_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf)>

JIRÓN, Paola; IMILAN, Walter. Observando juntos en movimiento: posibilidades, desafíos o encrucijadas de una etnografía colectiva. **Alteridades**, v. 26, n. 52, p. 51-64, 2016.

JUNIOR, Paulo Lima; MASSI, Luciana. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação paraa pesquisa em educação. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, n. 3, p. 559-574, 2015.

JUNQUEIRA, Lília. Abordagens biográficas de pesquisa e disposicionalismo sociológico. 2019. In: **Política e Trabalho. Dossiê Sociologia(s) em escala individual**. Revista de Ciências Sociais, n. 50, jan-jun, 2019, p. 29-42. Disponível em <

[https://www.researchgate.net/publication/313633032\\_Retratos\\_Sociologicos\\_Orientacoes\\_Gerais/ink/58a0a3c092851c7fb4bf3fd7/download](https://www.researchgate.net/publication/313633032_Retratos_Sociologicos_Orientacoes_Gerais/ink/58a0a3c092851c7fb4bf3fd7/download)>

LAHIRE, Bernard. Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004. LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação**. 2002.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual.

**Sociologia, problemas e práticas**, n. 49, p. 11-42, 2005

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável**. Editora Ética, 1997.

LOPES, João Teixeira. Subjetividade plural no mundo contemporâneo. **Revista Cronos**, v. 13, n. 1, p. 81-88, 2012. MACIEL, Carina Elisabeth; JÚNIOR, Mauro Cunha; LIMA, Tatiane da Silva.

A produção científica sobre permanência e evasão na educação superior no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 45, 2019. MAGALHÃES, Juliana Gonçalves. Evasão e permanência escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto: uma memória escolar.

2015. MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes**

**antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo social**, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

MENDES, Maíra Tavares. Mapeando a produção sobre permanência estudantil: categorias em articulação e estratégias de permanência. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 46, n. 2, p. 385-407, 2020. OLIVEIRA, Amurabi. Ethnography and educational research: For a thick description of education. **Educação Unisinos**, v. 17, n. 3, p. 271, 2013.

PELÁEZ, Ismael Eduardo Apud.. Repensar el método etnográfico. Hacia una etnografía multitécnica, reflexiva y abierta al diálogo interdisciplinario. **ANTÍPODA. Revista de antropología y arqueología**, n. 16, p. 215-235, 2013. PETERS, Gabriel. O social entre o céu e o inferno: a antropologia filosófica de Pierre Bourdieu. **Tempo Social**, v. 24, n. 1, p. 229-262, 2012.

PIMENTEL, Adriana Miranda. Sentidos e significados de práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador, Bahia, Brasil. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 16, n. 1), p. 31-51, 2012.

POUBEL, Lucas; MARGON, Jeferson; JÚLIO, Ana Carolina. Contribuições do fazer etnográfico para a pesquisa criticamente reflexiva. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 12, p. 348-393, 2018. QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Para Onde!?**, v. 8, n. 2, p. 154-161, 2015.

REIS, Carla Silva. **Trajetórias em contraponto: uma abordagem microsociológica da formação superior em piano em duas universidades brasileiras**. 2014. Disponível em <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9JGH6T/1/tese\\_carla\\_reis.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9JGH6T/1/tese_carla_reis.pdf)>

RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. **Do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória: estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude**. 2012. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70675/000875860.pdf?sequence=1>>

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, v. 4, p. 136, 1988.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. Prácticas discursivas y sociales relativas a los jóvenes ya lajuventud. **Última década**, v. 27, n. 51, p. 192-224, 2019. SILVA, Hélio RS. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, p.171-188, 2009. SILVA,

Robson Gerliandro da et al. **Retratos da fé: uma análise da experiência de evangélicos pentecostais no curso superior de história**. 2018. Disponível em <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/2195/1/ROBSON%20GERLIANDRO%20D%20A%20SILVA%20-%20TESE%20%28PPGCS%29%202018.pdf>>

SOUZA, Sabrina Cássia; GONÇALVES, Rosiane Maria Lima; SOUZA, Gustavo Henrique Dias. Vestibular x SISU: uma análise das mudanças nos cursos de Administração e Ciências Contábeis da UFV/CRP. **Revista Evidência**, v. 13, n. 13, 2017.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. Lugar e geografia humanista: uma proposição para a geografia escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 22, p. 22, 2018.

SUESS, Rodrigo Capelle; RIBEIRO, Antonia da Silva Samir. O lugar na geografia humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escala, críticas e cientificidade. **Revista Equador (UFPI)**, vol. 6, n. 2, p.1-22, 2017.

VELOSO, Tereza Christina Mertens Aguiar; DA SILVA, Maria das Graças Martins. Avaliação de programas de expansão e ingresso nas universidades federais e os reflexos na permanência do estudante. **Revista Educação em Debate**, 2017.

<sup>1</sup> Para Bourdieu (2007), habitus é um sistema de disposições duráveis e transponíveis, uma matriz de percepções, ações e apreciações no interior experiências passadas. São esquemas simbólicos internalizados que geram e organizam a atividade prática dos indivíduos (PETERS, 2012). Não é produto de cálculo racional e deliberado, mas de um processo de atualização das “intuições tácitas de um sentido prático adquirido a partir de sua [agentes] experiência societária, ou, mais precisamente, da exposição continuada e recorrente a condições semelhantes de ação” (PETERS, 2012, p. 53).

<sup>2</sup> Milton Santos (1988, p. 25) refere-se ao espaço como um “conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos [...] O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”.